

«Eu recuso-me a ser o símbolo de mim,  
excepto naquilo em que eu própria  
coincida com a luta.»

Maria Lamas



LISBOA / JUNHO / 1976

**mti**  
TEXTOS

Homenagem a  
**MARIA LAMAS**

*Intervenções de  
representantes do  
Secretariado do MUTI,  
da APE, do CPPC, do MDM,  
da SPA, outras,  
e MARIA LAMAS  
na Assembleia Popular  
de 10/5/76 do*

MOVIMENTO UNITÁRIO DE  
TRABALHADORES INTELLECTUAIS  
PARA A  
DEFESA DA REVOLUÇÃO



946.9  
«1960/1974»  
Hom

15712

Esp L. Leite

15



MOVIMENTO UNITÁRIO DE  
TRABALHADORES  
INTELECTUAIS PARA A  
DEFESA DA REVOLUÇÃO

946-94-1960/197403 Non

MUTI Textos

*Cadernos publicados:*

1. PROBLEMAS DA ECONOMIA PORTUGUESA  
Mário Murteira
2. HOMENAGEM A MARIA LAMAS

HOMENAGEM A  
MARIA LAMAS



no 8920

MUTI Textos

# HOMENAGEM A MARIA LAMAS

*Intervenções de*

**Casimiro de Brito**  
*pelo Secretariado do MUTI*

**Orlando da Costa**  
*pela APE Associação Portuguesa de Escritores*

**Laura Lopes**  
*pelo CPPC Conselho Português Para a Paz e Cooperação*

**Costa Ferreira**

**Isaura Vieira**  
*pelo MDM Movimento Democrático de Mulheres*

**Rogério Paulo**

**Maria da Graça Varela Cid**  
*pela APE*

**Alexandre Babo**

**Luiz-Francisco Rebello**  
*pela SPA Sociedade Portuguesa de Autores*

*e*

**MARIA LAMAS**

*Em 10 de Maio de 1976, o Movimento Unitário de Trabalhadores Intelectuais Para a Defesa da Revolução promoveu, no Teatro Vasco Santana, em Lisboa, uma Assembleia pública de Homenagem a Maria Lamas.*

*Presentes, pelo Secretariado do MUTI, Casimiro de Brito e Fernando Lopes-Graça (que presidiram), Alexandre Babo, Blasco Hugo Fernandes, Lília da Fonseca, Eduardo Jacques, Leonoreta Leitão, Luiz-Francisco Rebello, Bernardo Santareno, Fernando Luso Soares, Luís Suarez, Duarte Vidal e Júlio Vidal.*

*Falaram Casimiro de Brito, pelo Secretariado do MUTI, Orlando da Costa, pela APE, Laura Lopes, pelo CPPC, Costa Ferreira, Isaura Vieira, pelo MDM, Rogério Paulo, Maria da Graça Varella Cid, também pela APE, Alexandre Babo e Luiz-Francisco Rebello, pela SPA.*

*Na mesa, ainda José Gomes Ferreira e Maria Lamas, com cujas alocuções terminou a Assembleia.*

*No decorrer da sessão, foram recebidos telegramas e mensagens de Pedro Ramos de Almeida, Matilde Rosa Araújo, Jerónimo Bernardes e Olímpio de Oliveira, Luís Alves Carvalho, Maria Velho da Costa, Seabra Dinis, António Gonçalves, Maria Adriana, MDM Movimento Democrático de Mulheres, do Porto, José Cardoso Pires, Virgílio Teixeira, URAP União de Resistentes Antifascistas Portugueses e Alice Vieira e Mário Castrim.*

*Fernanda Lapa leu a Ode Sexta — do livro «Sete Odes do Canto Comum», de Orlando da Costa, apreendido pela PIDE na tipografia em 1955 — dedicada a Maria Lamas.*

*Da assistência, intervieram Carlos Coutinho, propondo a realização duma homenagem nacional a Maria Lamas, proposta que foi aclamada, o Pastor evangélico José Carlos de Oliveira Gonçalves e a enfermeira Maria Helena Abrantes.*

*Fernando Lopes-Graça, em nome do Secretariado do MUTI, propôs Maria Lamas para membro honorário do Movimento. A proposta foi aclamada de pé pela assistência.*

As intervenções de improviso foram transcritas de gravação em fita magnética.

Não figura a alocução de José Gomes Ferreira, em virtude do seu carácter estritamente oral.

ODE SEXTA

*do livro*  
«SETE ODES DO CANTO COMUM»

*A Maria Lamas.*

Porque trazes na voz a voz das companheiras  
Companheira te chamamos

Porque no teu olhar se alargam os olhos que semeiam e vigiam  
O sol a todas as alturas o sol dos meninos e das colheitas  
Porque nele se tornam mais lípidos os lípidos olhos das namoradas  
Companheira te chamamos

Porque nele gelam as lágrimas do medo e da dor  
Gelam e estalam desfeitas num pranto de calor  
Porque nos teus olhos continuam acesos os olhos vendados de encontro às paredes

Porque trazes no peito o sopro das nossas irmãs  
O sopro resoluto do trabalho o verde e dourado sopro que branqueia o pão  
O sopro das que amam  
E amando crescem e envelhecem ao nosso lado  
Das que amam  
E amando tombam em cada dia num só momento por milhões partilhado

Porque caminhas na terra dividida  
Por uma estrada aberta com o esforço dos povos  
Onde cada presença é um apelo e cada apelo uma conquista  
Porque até o sol remoça na neve tranquila dos teus cabelos  
E o vento sopra-te com a mesma força que a nós  
Companheira te chamamos

Porque as palavras na tua boca  
Têm a medida do mundo e a face dos mortais  
Porque no teu ventre a fome e a vida se completaram  
Porque no teu rosto fala o tempo até nós  
Mãe te chamaríamos  
Companheira te chamamos.

ORLANDO DA COSTA

*Justificação de uma homenagem*

— São passados trinta e um anos sobre o termo da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, sobre a queda do nazi-fascismo; sobre a maior vaga de esperança colectiva dos povos do mundo. A Europa e o Mundo cantavam sobre ruínas: eram trinta milhões de mortos, milhares de povoações arrasadas pela guerra, mas era também a vitória sobre a fome, sobre a corrupção, era o renascer da esperança, era a confiança no futuro da humanidade. As forças do Progresso e da Paz tinham derrotado as forças do obscurantismo.

— Portugal também vibrou com a vitória dos aliados, com o fim do fascismo; o Portugal popular, o Portugal oprimido pelo fascismo salazarento. Houve quem pensasse que estavam criadas as condições para o derrube do regime reaccionário. Houve quem tivesse lutado com todas as suas forças pela emancipação do País. Entre esses grandes lutadores conta-se a nossa homenageada de hoje, Maria Lamas. Nome de mulher, nome de resistente antifascista...

— Só trinta anos mais tarde, em Abril de 74, o fascismo cairia no nosso país; só trinta anos mais tarde a grande festa da libertação acontecia em Portugal; só trinta anos mais tarde se rasgariam novos horizontes para a libertação de um povo: foi o Movimento das Forças Armadas, é o movimento popular de massas, é e será a luta dos portugueses pelas grandes transformações sociais.

— Atravessámos um período de grandes vitórias, aparentemente irreversíveis: as liberdades, as nacionalizações, o controlo operário, a Reforma Agrária, o facto de possuímos uma Constituição avançada. Mas, *ao mesmo tempo*, desenham-se manchas negras no horizonte: alguns dos militares de Abril foram desviados do processo revolucionário, torcionários e fascistas foram libertados, a contra-revolução campeia livremente nalguns órgãos de Comunicação Social, lançam-se bombas contra forças progressistas e o Poder, no meio desta situação, vacila. Estamos a viver num tecido social extremamente complexo, onde se cruzam vitórias e derrotas. Mais do que nunca temos de estar vigilantes.

— A nossa Homenagem a Maria Lamas é a Homenagem dos intelectuais portugueses a uma grande lutadora antifascista, mas é também uma jornada de luta. Maria Lamas não representa para nós, Secretariado do MUTI, o passado — mas um exemplo de confiança no futuro. Maria Lamas não é só o símbolo da resistência antifascista, Maria Lamas é também uma presença serena que nos ajudará a lutar pela democracia e pelo socialismo. As forças da Paz e do Progresso, a vários níveis de unidade (entre as forças políticas, entre o povo e o seu braço armado, entre os intelectuais e as massas trabalhadoras), vencerão. A luta continua.



— Estamos em Maio de 1976. A dois anos do derrubamento formal do regime que sujeitou este povo a uma governação de quase meio século.

Esse regime foi certamente o mais importante, o mais difícil, o mais responsável, o único insolente, interlocutor na biografia de Maria Lamas.

Maria Lamas encontra-se aqui conosco presente, entre serena e inquieta, atenta e disponível. O regime, esse, acabou num ofício nocturno quase religioso de armas floridas de cravos. Mas de cravos e munições, é preciso que se lembre. Falta, porém, a sua certidão de óbito, a certidão que os antifascistas consequentes deste país ainda não assinaram. Com eles, Maria Lamas sabe que a luta continua.

A luta continua para além dos festejos e das homenagens. Maria Lamas sabe que cada assembleia do MUTI significa, precisamente, que a luta continua. Sabe que esta homenagem tem a justa medida de todos nós aqui presentes, nós que sabemos que a sua presença e o menor dos seus gestos proclamam que a luta unitária em Portugal continua, tem de continuar!

— Estamos em Maio de 1976. Oito anos atrás, da sua janela de exílio, na Rue Cujas, em Paris, Maria Lamas presenciou o espectacular acto revoltoso juvenil que foi o Maio de 68. Entre o fôlego da revolta e a atmosfera de revolução, da sua janela e na rua, ela respirou o ar febril da espontaneidade individual e o oxigénio do combate colectivo.

Em Abril de 74, em Portugal, outros jovens que já empunhavam armas, pela primeira vez empunharam-nas num gesto útil e limpo. Maria Lamas exultou. Mas não sossegou. Era preciso que ao gesto fértil do levantamento estivesse aliada uma sã consciência política. Uma consciência política verdadeiramente nacional e progressista.

Dos seus longos e tormentosos anos de exílio não trouxe Maria Lamas consigo o germen presunçoso do cosmopolitismo político. Não. A sua experiência internacional, melhor dizendo, internacionalista — de convivência e solidariedade — não perturbou as suas perspectivas nacionais consequentes.

Conheci-a quando eu era jovem e desde o primeiro momento percebi que para ela a juventude tinha acessos prioritários. Amava, como hoje ainda ama, a juventude, porque nela acredita. Respeita-a e procura entendê-la. Não por condescendência, mas por profunda e instantânea necessidade de compreensão.

«Ser insatisfeita significa querer descobrir o mundo» — são palavras suas. Penso que não é apenas o mundo espacial, o mundo geográfico e humano que ela conheceu desde os Trás-os-Montes ao Ceilão e à China. Penso que é também o testemunho vital e participante dos mais novos — do seu e de outros países.

Hoje, a idade de Maria Lamas conta-se pelas gerações mais novas, que em seus trajectos entraram na sua própria biografia, cruzando-a, e dela fazem parte — uma biografia que tendo uma nacionalidade responsável, não conhece fronteiras.

— Estamos em Maio de 1976. Há precisamente 26 anos, pois que em Maio de 1950, em pleno regime salazarista, proferiu Maria Lamas as seguintes palavras, numa conferência realizada no Porto, na Sede da Associação Feminina Portuguesa para a Paz: «Os povos querem hoje, mais do que nunca, o engrandecimento das respectivas pátrias, o seu desenvolvimento e pres-

tígio, tanto nacional como internacional. Mas, porque se tornaram mais conscientes, os povos reconhecem que só na Paz — uma Paz estável e justa — será possível resolver os seus problemas, não em teoria, mas realmente, em face das suas necessidades, dos seus direitos e das suas naturais aspirações».

Lutadora incansável, na sua terra, pela defesa da Paz mundial, foi sempre um porta-voz digno e generoso do seu povo em encontros, conferências e congressos internacionais, contra a guerra-fria e o colonialismo, porta-voz e legítima representante dos anseios e desejos dos seus compatriotas progressistas e antifascistas, porque soube oferecer, solidariamente com todos nós, a sua própria face, não para salvar, mas para denunciar pública e corajosamente a outra face envergonhada do seu país.

— Estamos em Maio de 1976. Terminaram para Portugal as guerras coloniais. Não tanto pela derrota definitiva dos interesses do imperialismo e da exploração, mas sobretudo pela vitória do espírito da não sujeição à soberania estrangeira, pelas vitórias — armada e desarmada — dos Movimentos de Libertação.

O PAIGC, o MPLA, a FRELIMO sabem quem é Maria Lamas. Sabem-no desde a nascer e não a esquecem após a vitória.

«Pela Paz e pela Cooperação entre os Povos» pode considerar-se um dos temas mais significativos da sua vida intensa e dedicada. Nele assumiu Maria Lamas toda a grande responsabilidade que cabe a um intelectual progressista. Um tema e uma vitória conseguida com Maria Lamas presente, aqui, nesta assembleia do MUTI que por mais de uma vez ergueu a sua voz em defesa de um correcto e responsável processo de descolonização.

No final da 2.ª Guerra Mundial assumiu Maria Lamas a Presidência do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Como trabalhadora intelectual empenhada na defesa dos projectos e das conquistas, anteriores e posteriores, àquilo que hoje já se convencionou chamar a Revolução de 25 de Abril, ela está aqui presente. Mas não apenas como intelectual e escritora. Também como simples mulher-didada, que à causa da emancipação da mulher portuguesa dedicou toda a sua vida cheia de vivências atribuladas, de prisões e injustiças.

Pela defesa dos seus direitos, pela sua promoção cultural e social, pela sua digna integração profissional na sociedade — ela, mulher portuguesa, se bateu, bateu-se sempre!

— Estamos em Maio de 1976. No patamar de uma democracia que ainda nos confunde. Nos últimos dois anos houve em Portugal dois actos eleitorais, em que o povo português se pronunciou. Maria Lamas também votou. Pôs, de mão trémula, na urna o seu voto firme. Um voto útil, que deverá continuar a ser útil.

Serena e inquieta, atenta e disponível, ela está presente — podemos estar certos — para a defesa daquilo que se conquistou e do que está por conquistar para o povo português — uma defesa eficaz só é possível se assente na unidade de todas as forças democráticas e antifascistas.

São suas estas palavras que datam de Janeiro de 1949: «O triunfo da Democracia não significa para nós um êxito momentâneo nem uma simples preferência política, baseada nesta ou naquela razão. O triunfo da Democracia não é para nós um fim, mas sim um ponto de partida, um meio de constante desenvolvimento. Queremos a Democracia porque só um Governo Democrático corresponde às aspirações de vida justa, harmoniosa e progressiva que marca o verdadeiro rumo da humanidade.»

Acrescentarei: rumo ao socialismo.

Bem haja, Maria Lamas, neste Maio de 1976, pela sua largueza humana sem abdições, pela sua estatura cívica, pelo seu espírito unitário numa luta comum por uma vitória comum.



LAURA LOPES

*pelo Conselho Português Para a Paz e Cooperação*

Muitas das pessoas aqui presentes irão falar de Maria Lamas como escritora, política, defensora dos direitos da mulher, como amiga e companheira inigualável. Eu irei falar de Maria Lamas lutadora pela Paz. Mas, naturalmente, é-me impossível fazê-lo sem me referir a todos aqueles aspectos.

Como foi que Maria Lamas se fez uma lutadora pela Paz e como? Ela própria o diz na sua introdução às «Mulheres do Meu País», em 1950:

«O desejo de conhecer em todos os seus aspectos a vida da mulher portuguesa, surgiu no meu cérebro e no meu coração há muitos anos. Foi quando eu própria me encontrei na encruzilhada onde é forçoso escolher um caminho, e me reconheci sem preparação para a luta, sem outra bússola que não fosse a minha sinceridade e a minha responsabilidade de mãe.» E quando alguém se lança, toda inteira, na luta pela dignificação da mulher, quando procura sentir o aviltamento das suas vidas, as suas aspirações, a sua ignorância, o seu sofrimento, as suas revoltas — esse alguém está a lutar pela Paz, porque não há felicidade possível na humanidade, não pode haver Paz no mundo, enquanto a mulher for explorada e humilhada, enquanto vir morrer os seus filhos de fome e por falta de assistência, enquanto a mulher não tomar consciência do seu próprio valor e força, enquanto não compreender que as guerras, o terrorismo e todas as formas repressivas que conduzem ao fascismo ou são criadas pelo fascismo são os meios próprios, são os únicos meios que a reacção pode utilizar para esmagar a liberdade dos povos.

Maria Lamas, que promovera, quando ainda no «Modas e Bordados», uma exposição de tapetes de Arraiolos feitos pelas mulheres presas na cadeia das Mónicas em Lisboa, exposição essa que se realizou no salão nobre de «O Século», conseguiu autorização, ao fim de porfiados esforços, para que as próprias presas fossem visitar os seus trabalhos expostos, fazendo-as atravessar a cidade, sem qualquer guarda pessoal, em taxis alugados pelo jornal.

Mais tarde, no âmbito do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, do qual se fez sócia durante a 2.ª Guerra Mundial, organizou uma monumental exposição de livros escritos por mulheres de todo o mundo e de fotografias de mulheres que se tinham notabilizado em vários aspectos do pensamento e ainda de mulheres resistentes contra o nazi-fascismo. Exposição essa que foi feita na Sociedade Nacional de Belas Artes.

Eleita para presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas em 1945, o Conselho foi fechado pela PIDE em 1947, oito dias após a realização daquela exposição.

É como representante do Conselho que Maria Lamas participa no Congresso da Federação Internacional das Mulheres no ano de 1946, na Bélgica.

O que foi, senão lutar pela Paz, o não ter pactuado com a Direcção de «O Século» quando esta lhe põe o dilema de ou deixar o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas ou a direcção do «Modas e Bordados», sob a acusação de ser um dos membros mais activos daquele Conselho? O que foi senão lutar pela Paz, a sua participação no Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e no Movimento Nacional Democrático, a sua luta contra o regime fascista de Salazar, que a levou à prisão pela PIDE várias vezes?

O que foi senão lutar pela Paz, recusar-se a sair do leito onde se encontrava doente, quando a PIDE invadiu a sua casa na Praceta João do Rio, para a prender?

O que foi senão lutar pela Paz, a sua resistência nos calabouços da PIDE, resistência que lhe minou a saúde, obrigando os carrascos daquela polícia a transferi-la para o hospital, como aconteceu em 1950? Tinha sido mantida em isolamento durante cerca de dois meses e tinha então já 57 anos.

Havia terminado a 2.ª Guerra Mundial, estava-se em plena guerra fria. E foi neste período cruciante da vida nacional e internacional que Maria Lamas escolheu, já preparada então para a luta, definitivamente o caminho da conquista da liberdade dos povos e a defesa da Paz.

Lembro-me de reuniões do Movimento da Paz e de Mulheres, em que predominavam os jovens e, embora as nossas opiniões muitas vezes divergissem, nunca a vi exaltada. Escutava e discutia calmamente, expondo os seus pontos de vista e escutando os dos outros. Um dia, no meu ímpeto juvenil e certa da correcção da minha opinião, fui agressiva. Uma nuvem prepassou no seu rosto, o seu olhar límpido acusou a mágoa, e serenou imediatamente. Embora eu sentisse que durante algum tempo o ressentimento ficou. Respeitava, porém, as opiniões contrárias mesmo que viessem de jovens. Respeitava essas opiniões e esses jovens.

Foi a partir desta época que Maria Lamas se revelou uma mulher excepcional. Na luta desencadeada pelos povos contra a ameaça atómica, ela tomou decididamente em suas mãos o facho da Paz, não recusou perante nada, voando na pomba de Picasso sobre oceanos e continentes, levando aos lugares mais distantes a voz da mulher portuguesa e o conhecimento da opinião dos intelectuais progressistas portugueses, na sua firme revolta e oposição à destruição e à guerra.

No dia 15 de Junho de 1950, Maria Lamas fez uma conferência no Museu João de Deus, intitulada «A Paz e a Vida», durante uma sessão em que se comemorava o 15.º aniversário da Associação Feminina Portuguesa para a Paz.

Nessa sessão alguém enviou para a mesa uma moção subscrita por alguns assistentes, que foi aprovada por aclamação. Vou ler a moção porque me parece um documento importante para a história do movimento da Paz em Portugal.

«Considerando que a preservação da Paz constitui a preocupação mais viva de todos os homens e mulheres de bem no mundo de hoje;

«Considerando que uma nova guerra representaria uma catástrofe sem precedentes na História da Humanidade;

«Considerando que a manutenção da Paz é do interesse de todos os homens e condição indispensável do progresso de todos os Povos, de felicidade e da liberdade;

«Considerando que a indiferença perante o problema da Paz não tem justificação em nenhuma consciência bem formada, e é dever de todos lutar por esse bem sem preço que é a Paz;

«Considerando que os esforços de todos no sentido da preservação da Paz devem ser congregados e orientados para a sua máxima frutificação;

«A presente Assembleia convida todos os seguintes portugueses, homens de bem, a constituírem-se em Comissão Nacional para a Defesa da Paz, a fim de representarem e exprimirem o anseio irredutível do Povo Português de uma Paz ininterrompida:

«Teixeira de Pascoais, Prof. Dr. Egas Moniz, Prof. Dr. Barbosa de Magalhães, Prof. Dr. Ruy Luís Gomes, Dr. João de Deus Ramos, Sra. D. Maria Lamas, Sra. D. Maria do Carmo Rozendo Dias, Dr. Fernando Mayer Garção, Manuel Mendes, Dra. Cezina Bermudes, escritora Irene Lisboa, António Areosa Feio, Prof. Dr. Rodrigues Lapa, Prof. Dr. Vieira de Almeida, Dr. José Morgado, Eng.ª Virgínia Moura, Albertino Macedo, Dr. Pinto Gonçalves, Carvalhão Duarte, Fernando Lopes-Graça, Assis Esperança, Dr. António Machado, José Silva, Dr. Guedes Pinheiro, Almirante Tito de Morais, Dr. João Campos Lima, Dr. Gustavo Soromenho, Prof. Dr. Ferreira de Macedo, Prof. Dr. Pulido Valente, Prof. Dr. Fernando da Fonseca, Dr. José Alberto Rodrigues, Dr. João Sáias, Eng. Tito de Morais, Dr. José Domingos dos Santos, Dr. António Aniceto Monteiro, Dr. Manuel Valadares, Dr. Manuel Zaluar Nunes, Dr. António Ferreira da Costa, Aquilino Ribeiro, Rocha Martins, Ferreira de Castro, Alves Redol, Dr. João de Barros. A presente Assembleia encarrrega a mesa de transmitir às individualidades acima designadas o conteúdo da moção.»

Destes intelectuais portugueses, muitos já a morte os levou, dos outros, então unidos, embora com diferentes concepções políticas, na luta contra o inimigo comum que era o fascismo, alguns deles esqueceram os anos de luta lado a lado e, sobrepondo os seus interesses de classe aos interesses do povo trabalhador português, desviaram-se desse caminho.

Foi naquela sessão no Museu João de Deus que nasceu o Movimento Nacional da Paz de que Maria Lamas foi das mais notáveis militantes. E começou então para Maria Lamas uma vida de deslocamentos constantes pelo mundo inteiro.

Como representante das mulheres portuguesas dirige a delegação portuguesa (composta por três mulheres) ao Congresso Mundial das Mulheres, realizada em Copenhague em 1953, congresso cuja realização ficara decidida numa reunião realizada no final do Congresso dos Povos para a Paz, em Viena, Dezembro de 1952, reunião em que participaram todas as mulheres presentes nesse Congresso e pertencentes a 85 países, entre elas uma mulher portuguesa. Aí estiveram Sun Yat Sen, Eugénie Cotton, Marie-Claude Vaillant Couturier.

É ainda em 1953, na reunião do Conselho Mundial da Paz realizada em Viena, que Maria Lamas é eleita membro português do Conselho Mundial da Paz, ao qual já pertencia Ruy Luís Gomes.

Neste mesmo ano, Maria Lamas visita a União Soviética e outros países socialistas. Na URSS permaneceu 5 semanas e desse país longínquo e vanguarda da luta pela Paz, Maria Lamas, utilizando nome diferente dirige mensagens para Portugal através da Rádio Moscovo.

Ao regressar a Portugal, no dia 20 de Dezembro, é presa no aeroporto, à saída do avião, assim como muitas dezenas de democratas e pessoas amigas que a tinham ido esperar.

Num documento da Comissão Nacional da Paz do Movimento da Paz Português, distribuído imediatamente, lê-se:

«Todos os partidários da Paz devem unir-se à volta de Maria Lamas, protegendo a sua vida, a sua precária saúde que corre grave risco, impondo a sua libertação. Todos os partidários da Paz devem defender os seus amigos que se encontram detidos no Forte de Caxias.

«Reclamemos por todas as formas a sua libertação imediata. Amparemos as suas famílias. Façamos chegar aos presos o nosso auxílio material e a voz da nossa solidariedade.»

Em 1957, encontrava-se na Ilha da Madeira quando recebeu um convite para ir a Ceilão participar num congresso do Conselho Mundial da Paz. Havia mais dois convites para portugueses mas foi impossível conseguir companheiros para Maria Lamas em virtude da situação política em Portugal. Com muita dificuldade obteve passaporte para Ceilão, onde esteve 30 dias, mas partiu legalmente. Contava Maria Lamas que, para eles, orientais, foi um espanto receber uma portuguesa de cabelos brancos, pois no Oriente «uma mulher só é verdadeiramente respeitada, quase venerada, quando tem cabelos brancos».

Daqui partiu para Hiroshima, em 6 de Agosto, integrada numa delegação de mulheres participantes do Congresso do Conselho Mundial da Paz em Ceilão, para fazerem várias sessões de protesto contra o armamento nuclear pelos americanos e contra as ameaças e as experiências atómicas dos imperialistas dos EU.

Permaneceu em Hiroshima 25 dias.

Lembremos que esta época é particularmente marcada pelos focos de guerra que alastravam e se desencadeavam na Ásia e no norte de África. É a Coreia, a Indochina, a Argélia.

A luta pelo desarmamento geral é uma palavra de ordem constante do Conselho Mundial da Paz desde o seu início. Juntamente com o CMP, 18 cientistas atómicos, entre eles Joliot Curie, Bertrand Russel e Albert Schweitzer, exigem o fim das experiências atómicas.

Mas as potências da NATO, reunidas em Paris em Dezembro de 1957, constituíam «stocks» de armas atómicas e instalavam na Europa rampas de lançamento de mísseis.

Em Fevereiro de 1960, De Gaulle fez explodir a primeira bomba atómica francesa no Sahará.

Voltemos novamente a Maria Lamas para a acompanhar no seu deambular pelo mundo. No Congresso da Paz em Ceilão recebeu inesperadamente um convite para visitar a China. Fê-lo o presidente da Academia de Ciências de Pequim, que dirigia a delegação chinesa. Em Pequim

foi convidada de honra da Academia e teve contactos com a Associação de Escritores Chineses e vários intelectuais. A sua visita a este país durou algumas semanas, percorrendo várias regiões. Foi recebida por Mao-Tse-Tung e Chu-En-Lai.

Da Ásia regressa à Europa onde mais uma vez, em Viena, onde estava instalado o Conselho Mundial da Paz, participou numa reunião deste Conselho.

Não era fácil a vida do CMP em Viena, pois o governo austríaco começou já em 1957 a levantar impedimentos ao seu funcionamento oficial, chegando mesmo a sua sede a ser invadida pela polícia que revistou toda a documentação à procura de documentos comprometedores (subversivos, como a PIDE e Salazar apelidavam os documentos sobre a Paz...). Instalado o Secretariado em Viena, o «Bureau» da Presidência teve que mudar-se para Bruxelas, mas tinham que ir fazer todas as reuniões na Hungria. Foi a Finlândia que acolheu calorosamente o CMP, onde ainda hoje está instalada a sua sede e onde funciona o Secretariado.

É nestes anos difíceis de luta pela Paz no mundo, com o avanço aterrador das experiências atómicas e do desenvolvimento e proliferação das armas clássicas, com as perseguições aos partidários da Paz em todo o mundo, com o desencadear das guerras locais e a intensificação da mais feroz exploração e repressão dos povos subdesenvolvidos e colonizados, que começavam a lutar contra os opressores colonialistas, que Maria Lamas desenvolve a sua actividade de luta pela Paz.

Depois da sua viagem pela Ásia, regressa a Portugal, donde só volta a sair nos primeiros meses de 1962.

Perante o fortalecimento das forças nucleares da NATO e a sua existência na Europa Central, perante as provocações cada vez mais ostensivas dos imperialistas, perante a ameaça constante de uma 3.ª Guerra Mundial, as forças amantes da Paz, tendo à frente os países socialistas, organizaram em Moscovo uma Conferência para o desarmamento geral e pela Paz, que se efectuou no mês de Julho de 1962.

Nesta Conferência, esteve presente uma delegação portuguesa bastante ampla, de que faziam parte, entre outras pessoas, Maria Lamas, Magalhães-Vilhena, Rui Cabeçadas, Álvaro Cunhal, António José Saraiva e Castro Soromenho. Com o seu grande prestígio de combatente incansável pela Paz, Maria Lamas encabeçou a delegação.

Em 1963, Maria Lamas voltou mais uma vez à URSS para participar num congresso internacional de mulheres e esteve, pelo mesmo motivo e neste mesmo ano, em Berlim Leste.

Maria Lamas parece que nunca sentiu a idade. Só parou quando regressou a Portugal definitivamente em 1969, com a sua saúde já bastante abalada. Tinha então 76 anos. Mas, mesmo assim, nunca deixou de fazer projectos e procurou actuar aqui e ali. Lembro-me de que, no ano passado, quando do «Modas e Bordados» lhe foram comunicar a sua nomeação como directora honorária da revista, que ela dirigiu tantos anos e da qual saiu compulsivamente, Maria Lamas disse: «Nesta altura da minha vida, isto é um ponto de partida». Aos 82 anos, só uma mulher extraordinária, que sentiu a vida e a viveu intensamente e continua com uma imaginação prodigiosa, poderia fazer tal afirmação.

Quero terminar recordando palavras dessa grande amiga e companheira que hoje homenageamos. Em 1973, após as grandiosas jornadas de luta que marcaram o último período eleitoral do fascismo, quando este estava já numa agonia visível, Maria Lamas foi homenageada no dia dos seus 80 anos. E disse ao agradecer, comovida: «Faço votos para que tenhamos muitas vezes motivo para nos reunirmos fraternalmente — sem rótulo de homenagem — para as conquistas da Paz e da Cultura, discutindo os problemas nacionais que fundamentalmente exigem a nossa atenção e luta sem tréguas».

No ano seguinte, já em plena liberdade, derrubado o fascismo, derrotados os primeiros golpes da reacção em Julho e no 28 de Setembro, Maria Lamas, também no seu dia de anos, disse ao Diário de Notícias: «Este ano, esta data, trouxe-me um significado mais forte, senti-me como que rejuvenescida, no nosso país liberto».



E perante as perturbações políticas que então o nosso país libertado já sofria, ela, a grande e indomável lutadora, afirmou: «Não me espanto das perturbações, só me assustam as vítimas da reacção forte. Sinto que a consciência do povo está a despertar, embora o povo sofra, ainda, a influência da reacção. Portugal tem que lutar, cada vez mais vigilante, para um futuro melhor. Lutar é viver, lutar é amar e a minha luta é amor».

Que todos os homens e mulheres honestos do nosso país meditem nestas palavras de Maria Lamas. Portugal tem que lutar, cada vez mais vigilante, para um futuro melhor, para banir para sempre a exploração do homem pelo homem do nosso país, para que lutar seja sempre viver e não, também, morrer às mãos da reacção, para que lutar seja sempre amor, e não também raiva e ódio.

#### COSTA FERREIRA (*improvisado*)

Camaradas, há poucas horas ainda, eu não sabia que ia ter o prazer de estar aqui, rodeado de camaradas e amigos, a prestar homenagem à minha querida amiga Maria Lamas.

Não vou falar da escritora ilustre que Maria Lamas foi — outras pessoas mais autorizadas o farão. Não vou falar da lutadora incansável pela libertação do povo português, da lutadora pelo progresso, que Maria Lamas foi tão heroicamente — e que aqui já foi largamente comentado. Vou apenas referir-me a três pontos, que são os contactos humanos que tive com Maria Lamas, e nos quais se revela a grande qualidade humana dessa extraordinária mulher — porque só quem tem esta qualidade humana pode ser a lutadora heróica, a mulher coerente e a escritora lúcida e socialmente útil que ela sempre foi e é.

Era eu ainda muito novo, estava a acabar o meu curso de direito, e vivia na hesitação que a minha condição burguesa me impunha entre ser o homem que desejava ser — o actor, o homem de teatro que depois fui — e o advogado — o profissional duma actividade mais lucrativa e burguesamente mais tranquila.

Nessa hesitação, eu representava onde podia. E uma vez, num 2.º andar duma casa da Avenida Elias Garcia, onde havia duas salas que comunicavam por um arco, eu representei para alguns amigos o «Trágico à Força», de Tchekov, na versão de Avelino Cunhal.

Entre a assistência, estava Maria Lamas. E Maria Lamas, que viu aquele espectáculo, naturalmente fruste, com imensos defeitos, porque era um principiante que se ensaiava a si próprio, soube ter palavras de estímulo, palavras que me animaram na minha luta pela minha libertação pessoal e humana, na minha luta pelo teatro, na minha luta para ser actor.

Maria Lamas contribuiu, com a sua simplicidade, com a sua espontaneidade, para a resolução que eu considero a mais importante da minha vida e da qual não me arrependo.

Mais tarde, já eu era profissional de teatro, e encontrava-me em «tournée» pelo Minho — atravessava uma crise humana muito grave, uma crise afectiva daquelas a que todos os seres humanos estão sujeitos.

Maria Lamas veraneava numa casa, num vale encantador perto de Arcos de Valdevez. Foi ter connosco a Arcos de Valdevez, almoçou connosco e levou-nos a passar a tarde a sua casa. Ela sentiu — com esse sentido extraordinário de compreensão humana que é a sua característica fundamental — sentiu que eu estava atravessando uma crise grave. Eu não me atrevia a fazer confidências, e confidências de carácter sentimental, a uma senhora que respeitava profundamente como era Maria Lamas. Eu não lhe disse nada. Simplesmente, ela soube falar-me de tal maneira, que no dia seguinte eu resolvia esse problema sentimental com honra e libertando-me mais uma vez.

Agora mais tarde, em Maio de 1968, eu tive a sorte de ser apanhado em Paris pela greve geral e de ter podido viver a exaltação desses dias, que eram talvez de utopia, mas, como todas as utopias, eram também prospecção do futuro.

Maria Lamas, desterrada no seu pequeno hotel, o Hotel Saint-Michel, era minha visita obrigatória, sempre que eu ia a Paris.

Tinha passado horas inesquecíveis de conversa no Jardim de Luxemburgo — só demos pelo tempo, quando ambos reconhecemos que estávamos roucos.

E naquela agitação prodigiosa que era a vida de Paris, sobretudo o «Quartier Latin», durante o Maio de 68, em que eu passava dos anfiteatros da Sorbonne para o Teatro Odéon ocupado, onde ouvia discursos de camaradas de toda a parte do mundo, onde ouvia proclamar uma liberdade total, que, nesse momento, repito, era utópica, mas que é sempre agradável proclamar, porque é objectivo supremo de toda a nossa actividade humana — eu via Maria Lamas ao lado dos novos, interessada pelo que se passava, preocupada por tudo, passando noites à janela do seu hotel, deitando água para a rua, porque os gases lacrimogéneos com que a polícia flagelava os estudantes acalmavam um pouco com as bategas de água.

E, nessa altura, eu tomava notas do momento que passava. E eu, que só escrevi para o teatro, eu, que só vivo para o teatro, comecei a escrever uma coisa que podia parecer um livro e fui ler a Maria Lamas as primeiras páginas.

O entusiasmo que ela me deu, a confiança que ela me deu, é que me fizeram ousar escrever um livro, que chamei «crónica romanceada», «Uma Vida em Cinco Dias».

Pedi autorização a Maria Lamas para ela ser uma das personagens do livro. Ela realmente aparece no livro e eu gostaria de o ter aqui, para ler as palavras que nessa altura, com plena consciência, eu escrevi sobre o que penso de Maria Lamas.

O que eu, portanto, aqui quero frisar é esta qualidade extraordinária de se interessar pelos problemas dos outros, de se esquecer constantemente de si própria, que fez de Maria Lamas a extraordinária mulher política e militante que ela é.

Se nós pensarmos que esta senhora teve de se libertar, não só como cidadã oprimida por uma ditadura fascista, mas até da sua condição de mulher, que teve de se libertar totalmente e que teve ainda tempo, e tem ainda tempo, para libertar os outros, com as suas palavras, com a confiança que lhes sabe dar — toda a nossa gratidão é pouca, porque pessoas destas são realmente raras.

De forma que eu não tenho mais nada para dar aqui, neste momento, senão o meu coração aberto a Maria Lamas.

#### ISAURA VIEIRA

*pelo Movimento Democrático de Mulheres*

Em nome do MDM, quero enviar as minhas mais calorosas saudações a todas as mulheres, a todos os presentes, e, em especial, à nossa querida Presidente Honorária Maria Lamas, cujo nome desde sempre esteve ligado à luta antifascista e à luta das mulheres portuguesas pelo reconhecimento dos seus direitos como cidadãs, como mães e como trabalhadoras.

A história da luta do nosso povo é rica em exemplos de mulheres que se ergueram contra a opressão, a exploração e a miséria, pagando, quantas vezes, com a tortura e mesmo com a morte a coragem desse gesto.

São exemplos bem vivos dessas lutas as mulheres trabalhadoras, dos campos e das fábricas, a dónas de casa e intelectuais, cujo símbolo, Catarina Eufémia, está bem vivo na memória de todos nós.

A luta das mulheres como parte integrante da luta de todo o povo tem sido, como ela, dolorosa e difícil.

Após a 2.ª Grande Guerra Mundial, surgem em Portugal os primeiros movimentos femininos de resistência ao fascismo. O Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas, a Associação Feminina Portuguesa para a Paz. Estiveram ligadas a este Movimento mulheres como Maria Lamas, Maria Isabel Aboim Inglês, Maria Luísa Costa Dias, Maria Alda Nogueira.

Estas mulheres foram, como tantas outras, vítimas da polícia do regime de Salazar e Caetano: todas foram perseguidas, muitas presas e torturadas e algumas foram obrigadas a entrar na clandestinidade ou a deixar o País, vivendo muitos anos no exílio.

Apesar de toda a opressão e violência de que o regime se servia para reprimir e tentar sufocar a luta dos trabalhadores, nunca conseguiu que estes deixassem de se organizar; pelo contrário, a sua organização vai-se fortalecendo, vai-se tornando mais coesa, demonstrando uma consciente capacidade de resposta à repressão de que são vítimas.

É neste contexto, dentro das mais duras condições, que em 1969 surgiu o Movimento Democrático de Mulheres Portuguesas.

Devido à luta heróica do povo português, o fascismo foi obrigado a conceder, nos períodos eleitorais, na aparência, determinadas liberdades; é devido a isso que concorrem à farsa eleitoral movimento democráticos, nomeadamente o Movimento Democrático Português (MDP/CDE) e o Movimento Democrático de Mulheres (MDM). Todo o seu esforço se conjuga no sentido de mobilizar, consciencializar e organizar o maior número de pessoas, chamando-as para a luta contra o fascismo.

O MDM empenhou-se na mobilização das mulheres contra o aumento constante do custo de vida, contra a inexistência das liberdades fundamentais e contra a guerra colonial, tentando chegar às mulheres das mais variadas formas, por intermédio da palavra, do abaixo assinado, da denúncia pública.

O campo de acção do nosso Movimento estendeu-se também à solidariedade para com os presos políticos, encarcerados nas masmorras da PIDE, lutando para que estes fossem libertos e denunciando as péssimas condições a que estavam sujeitos.

Também no campo da solidariedade internacional o nosso Movimento teve um papel destacado: contra a guerra do Vietname, pela libertação de Angela Davis, contra o regime odioso de Pinochet, contra o fascismo em Espanha, etc., levantou-se a voz do nosso Movimento.

Após a conquista das liberdades a 25 de Abril de 1974, abriram-se novas perspectivas de luta. Há que trazer o maior número de mulheres à participação na revolução, à conquista da sua própria emancipação, que está ligada à libertação do povo português.

Não é uma tarefa fácil, esta que se impõe ao nosso Movimento, de mobilizar, consciencializar e organizar as mulheres portuguesas, em particular as donas de casa, tão marginalizadas durante o regime fascista.

Não podemos esquecer que, se o fascismo tudo fez para impedir a consciencialização do nosso povo, utilizando o obscurantismo e a repressão, as mulheres foram vítimas particulares destes métodos do fascismo.

Condicionadas por séculos de mentalização, visando a sua segregação da vida cívica e política do País, educadas na apatia e no temor ao «novo», acirrou o fascismo estas pretensas qualidades da mulher, visando adormecer e amortecer a combatividade e a capacidade de resistência de metade do povo, que são as mulheres.

Exacerbando o machismo, utilizou o fascismo também a família e, ao nível da família, o homem, para subjugar a mulher.

Glorificando e reduzindo o papel da mulher ao de dona de casa, anjo do Lar, visou o capitalismo apropriar-se deste seu trabalho gratuito em casa, para indirectamente aumentar a mais-valia. Como célula económica básica da sociedade capitalista, funciona como um núcleo onde se reproduz e restabelece a força de trabalho, por intermédio do trabalho doméstico e gratuito da mulher. Esta situação de exploração da mulher agrava-se quando esta tem de realizar um trabalho fora de casa, para contribuir para o sustento da família. Ao ter que realizar os dois trabalhos, o doméstico e o profissional, a sua exploração duplica. Subjugadas na família e na sociedade, marginalizadas no trabalho, são estas as condições em que a mulher portuguesa tem que lutar visando a criação de uma nova sociedade onde não haja mais a exploração do homem pelo homem, onde a mulher não seja mais discriminada e oprimida. Se a emancipação dos operários tem que ser obra dos próprios operários, também a

emancipação das mulheres tem que ser obra das próprias mulheres, como dizia Lenine.

É esta realidade que tornou uma necessidade o Movimento Democrático de Mulheres.

Na hora presente, importantes e urgentes tarefas se impõem ao nosso Movimento. Numa altura em que as forças de direita tudo tentam para travar o processo revolucionário, visando atingir as conquistas alcançadas com o 25 de Abril, nomeadamente as nacionalizações, a Reforma Agrária e o controlo operário, é imperioso que as mulheres se organizem e consciencializem para, ao lado das forças progressistas e das massas trabalhadoras, travarem o avanço da reacção.

Com as conquistas consagradas na Constituição, uma tarefa se impõe de imediato: é não só a elaboração da nova legislação em relação ao trabalho e à família, para a elaboração da qual as mulheres portuguesas devem ser chamadas a participar, como o pôr em prática todo um conjunto de medidas preconizadas na Constituição que permitirão libertar a mulher de toda uma sobrecarga que lhe advém da acumulação do trabalho doméstico e profissional. Sem que a economia doméstica se converta em assunto social, o que só será possível com a modificação das relações de produção existentes e a sua substituição para outras novas, sem exploradores nem explorados, ou seja, a substituição do regime capitalista pelo regime socialista, não será possível a libertação da mulher da dupla exploração.

É pois na participação da construção duma sociedade socialista que as mulheres portuguesas irão encontrar o caminho da sua emancipação. O MDM, que desde o primeiro momento tem estado ao lado do povo português nesta luta, sabe que muitas dificuldades o esperam. Não esmorecemos nem desanimamos, porém, com as dificuldades

Guiadas pelo exemplo das nossas mais valorosas mulheres, ligadas à história da libertação do nosso povo, como é o exemplo de Maria Lamas, sabemos continuar a lutar decididamente para tornar numa realidade a sociedade de Paz e justiça social, onde todos, homens e mulheres, possamos viver em felicidade e fraternidade.

#### ROGÉRIO PAULO (*improvisado*)

São poucas as palavras que eu quero dizer: quero apenas focar um ponto que, pelo menos a mim, me toca muito e que deve tocar a muitos que aqui estão.

Durante muitos anos, tivemos que resistir contra a opressão fascista. Durante muitos anos, tivemos que tomar atitudes, tivemos que nos bater, tivemos que tomar opções, tivemos que ser capazes de esconder o nosso medo num acto de coragem. Durante todos esses anos, todos nós fomos aprendendo uns com os outros. Fomos tendo pessoas que nos ajudavam, pessoas perante as quais nós queríamos cumprir.

Eu tenho quase 50 anos. Muitos nomes entre tantos outros eu recordo, que me davam força, que me ensinaram: António Sérgio, Bento de Jesus Caraça, Abel Salazar, Amílcar Cabral, Álvaro Cunhal, Fernando Lopes-Graça, Maria Lamas.

Era justamente porque nos encontrávamos perante pessoas assim, que nós sentíamos a necessidade firme e íntima de resistir, de lutar.

Quantas vezes — e vejo aqui tantos companheiros de luta, de tantos anos — quantas vezes nós não tivemos tentações de abandonar. De dizer: «Talvez não valha a pena». Mas havia sempre alguém que não deixava que isso acontecesse. Quanto mais não fosse, nós tínhamos vergonha de abandonar; achávamos, por exemplo, que não os devíamos trair. E essas pessoas não nos obrigavam a fazer nada; muitas vezes, só nos olhavam.

Eu creio que todo o homem de mentalidade revolucionária, vivendo numa sociedade opressora, começa por ter vergonha dessa sociedade, começa a ter vergonha daquilo que vê à sua volta, começa a ter vergonha de colaborar nisso, começa a ter vergonha pelos seus amigos, começa a querer ser leal com eles, e vai com eles aprendendo, vai com eles caminhando. Isso aconteceu muito comigo. Tenho a certeza de que aconteceu com todos os que aqui estão.

Aconteceu-me — e foi Maria Lamas exactamente uma dessas figuras. Quando eu a procurava em Paris, aonde ia meio desesperado, para poder ler outros jornais e ouvir outras coisas,



era ela que me dizia sempre: «É preciso voltar. Se tu podes voltar, volta; é lá em baixo que é a luta».

Ela tinha razão. E eram pessoas assim que nos faziam continuar a lutar, que nos levavam a não desistir.

Pois ainda hoje é assim. A luta não acabou. O fascismo nem sequer ainda acabou — a ameaça dele, desse fascismo.

A nossa unidade é necessária, mas a certeza da nossa vitória está em vermos Maria Lamas aqui. Tudo a polícia e os opressores fascistas tentaram fazer a Maria Lamas: Prenderam-na, torturaram-na, impediram-na de trabalhar, levaram-na ao exílio. Mas uma coisa eles nunca conseguiram, e nunca conseguirão com nenhum de nós, se nós aprendermos em Maria Lamas o exemplo da sua firmeza: é que eles nunca conseguiram vexá-la; foi ela que os vexou.

Isso vemos nós, ao olhar para ela: que temos de ter a consciência de que, na nossa luta, somos nós que os havemos de vexar a eles. Mas todos unidos.

Era isto que eu queria dizer.

## MARIA DA GRAÇA VARELLA CID

*pela Associação Portuguesa de Escritores*

Pensei fazer-te, Maria, um texto bonito, transparente como eu to merecia — e tu a mim — e mais: como to devia. Como to devíamos. E assim pensei fazer: sobremaneira curto — duas páginas em dactilografado — conforme o pedido.

E aí, pus-me a pensar em ti. No que continuamente és. No tudo que tens lutado para nos deixar herdados. No que já acrescentaste ao nosso mundo, hoje de muitos mais, também por tuas mãos reconstruído. Então vi que, por seres muito e tão grande, eu não tinha de estar lá necessariamente. Porque de seres tão grande, não precisas de companhia nem de opinião. Muito menos de crítica (outros que não eu e com outra ciência a mão-de fazer). E menos ainda precisas, Maria, de literatura.

Já muito nos disseste nos teus livros. Mas de seres tão rica não acabas nunca de contar. E antes, antes de seres escrita, é viva, amiga, é viva que tu és mais tu e mais bonita.

Pois. Há a tua oralidade a transmitir (bem poucos, para o desejável, a conhecem) e dela é que se torna urgente trazer a todos testemunho. E quando tu falas e eu apenas te transcrevo, já lá não estou dentro, posto que o auditor está por fora da coisa ouvida, enquanto o escrevente que analisa, o que recria, quer queira quer não, fica inscrito na coisa escrita.

É então com humildade e homenagem que eu me retiro e fico o mínimo possível, Maria: para seres tu a falar e eu, apenas e tão só, secretariando.

Sábado. Dia 8 de Abril de 76. Horas: 16, de composta serenidade. Em casa te encontrei e, do muito que disseste, o principal darei notícia. Que sim, que sim, que eu havia de ser, desde agora mesmo, «o teu porta-voz». Estou a sê-lo no possível, Maria. Mas não vês que eu nasci nos dias pequenos — como tu, aliás — mas tu verdadeiramente não?

Então começaste (1): «Quero fazer desde já uma declaração: estou muito contente com esta celebração, mas só desde que ela tenha um sentido colectivo e não pessoal. Porque eu sou igual às outras mulheres todas. Fiz o mesmo que elas fizeram. E o que elas fizeram a menos (se acaso isso se deu) foi porque as outras mulheres não tiveram tempo — tenho 82 anos. Estamos a celebrar um defecho de um período de luta. É apenas uma data no desenrolar de um processo. Como que o final de uma batalha isolada, incluída numa luta mais geral. Mais ampla. Sem fim, por enquanto. Celebra-se um facto de um todo que não acabou: é um pequeno pormenor integrado num contexto geral. Por exemplo: o nascimento ou a morte de uma

(1) Transcrição exacta da conversa tida com M. L. em 8-5-76 (N. da A.).

peessoa, têm o sentido do passageiro, de algo isolado. Penso que, neste momento, celebramos apenas uma vitória pontual: — celebramos não termos sido aniquilados pelo fascismo. Celebramos termos podido resistir. Mas este ano, este dia e esta hora, significam estritamente que a luta continua. Continua, mais forte e mais funda, porque de um modo consciente agora. Sabes, Graça, qual é a nossa Revolução de agora mesmo? É tomarmos consciência colectiva das coisas. E as coisas comportam já menos fronteiras, menores divisões, menos singularidades: — o povo ganhou consciência de si. Perde o medo. Começa a assumir-se. Sabe que é. Só não sabe ainda bem o quanto que pode. Por tudo isto, Graça, é impossível celebrar em mim, isolada, seja o que for. Não me celebrem nada. Celebremos apenas — como um exemplo não exemplar — que se pode lutar em qualquer idade. Celebremos o 82.º ano de um processo de luta que começou há muito. Porquê celebrar-me? Compreendo que os amigos o façam, só porque temos a permanente necessidade de corporizar todos os valores. De transformar tudo em símbolos. Olha, Graça, pois eu recuso-me a ser o símbolo de mim, excepto naquilo em que eu própria coincida com a luta. Porque é preciso lutar, hoje mais do que nunca. Tenho vindo a aperceber-me de que a reacção multiplica as suas armas à medida que o processo avança ou recua. E sabes porquê? Além de outras razões poderosas, também porque nós lhe demonstramos — e, em certos casos, até revelamos — erros e crimes monstruosos que antes eram a ordem natural das coisas. Olha, a ordem natural do fascismo comportava, por exemplo, a fome, a injustiça, a hierarquia das classes, a incultura, a opressão, a exploração. Todos estes substantivos juntos significam a miséria, que era aceite, transportada e transmitida como algo de normal e irremediável. Hoje o povo já sabe que a miséria não é uma lei natural mas sim uma aberração com que alguns homens conspurcam e deceparam a vida de muitos outros homens. E a vida não é, não tem de ser nada disso. A vida é — ou tem de ser — amor. Paz. Liberdade. A vida para mim é um acto de amor e de luta. Toda a minha vida não foi mais do que uma luta contra aquilo que me apresentaram como irremediavelmente acabado. Uma luta contra o convencional. Contra o estabelecido. Isso talvez valha a pena dizeres, Graça, para que se veja que o irremediável, não existe.

Graça, eu falo demais. Agora já me custa escrever, mas sinto que tenho ainda tanto para dizer. Às vezes penso que a minha verdadeira vocação teria sido estar sentada numa pedra, à beira de um caminho, vendo passar as pessoas e a falar, a falar, a comunicar com elas. Quando eu tinha quatro anos, depois do jantar, sentavam-me numa cadeirinha e pediam-me para contar histórias. Já então o que eu queria era dizer a vida, tal como eu a vivia. E cresci vendo e vivendo as coisas à minha volta. Fui educada num colégio de freiras e acreditei nos valores que me transmitiram (inclusive que o diabo se envolava às costas das mulheres que dançam!). Acreditei até ao momento em que me quiseram obrigar a mistificar o meu dia a dia. Aí comecei a reagir, porque a mentira vai contra a minha natureza. Sempre fui muito total e quiseram obrigar-me a matar a minha autenticidade. Nesse momento, bruscamente, perdi a fé. Foi a minha primeira viragem. Daí para a frente, comecei a ganhar progressiva consciência política das coisas. E nunca mais deixei de lutar contra o estabelecido. O imóvel. O que parecia ser o irremediável. Entrei na vida política com dezassete anos, através do idealismo anarco-sindicalista do jornal «A Batalha». Vivi o período agitado da implantação da República, devotando o melhor do meu esforço à sua propaganda. Li muito. Li Engels, Marx, Rosa Luxemburgo, li então desordenadamente. A minha preparação política fez-se dentro dos limites possíveis e dos condicionamentos inerentes, na época, à circunstância de ser uma mulher. Amadureci em função do amor e da luta. Creio que são dois factores inalienáveis da minha natureza. O sentido da luta era em mim um instinto, uma espécie de dupla natureza: — já casada, mas muito jovem ainda, visitei fábricas, cidades, aldeias. Fiz em minha casa uma escola de alfabetização para as operárias de uma indústria próxima. Aos vinte anos, escrevi o meu primeiro romance («Para Além do Amor»), o qual, ainda que escrito em linguagem muito romântica, era já uma tomada de consciência, a assunção literária de uma situação de luta, contra os valores estabelecidos. Mas foi após a Guerra, já nos anos 50, que a minha luta ganhou maior acuidade



e coerência política: — no mundo, havia sido a guerra, com todos os seus horrores e trágicas heranças. No meu país, era o fascismo, ainda, com toda a tortura e opressão da sua longa noite mutilante: uma vez fechado o Conselho Nacional das Mulheres (que não se podia chamar Nacional — porque nacionais eram só as coisas do Estado — nem deveria tratar de assuntos de mulheres — posto que o Estado delas se encarregava, através da Obra das Mães...) dediquei-me essencialmente ao Conselho Mundial da Paz e, em especial, à luta das mulheres. Sabes, Graça, eu tenho duas filhas e a maternidade foi para mim importante, porque me humanizou: as minhas filhas deram-me a noção do peso humano, abriram-me uma porta na consciência da minha quota de responsabilidade perante as outras mulheres. É que eu acho que as mulheres, mais do que ninguém, têm o dever de lutar pela Paz e pela transformação do mundo: são as mulheres quem transporta a vida. Por isso, também, de todos os meus livros, considero «As Mulheres do Meu País» como o mais importante. Levei vinte anos a pesquisar o que estava certo e errado na vida da mulher. Vivi dois anos de porta em porta, de aldeia em aldeia, de faculdade em faculdade, para acabar por concluir que os problemas das mulheres são sempre iguais — carne/vida/sexo/instinto — diferindo apenas na problemática social. Verifiquei que a mulher é um ser frustrado. E aqui, entra o quase-maravilhoso: se a Revolução de Abril não tivesse trazido mais nada de útil, trouxe, pelo menos, em especial à mulher, a consciência de si própria e, simultaneamente, das suas frustrações. E ter consciência da sua frustração é já um princípio de luta. Pode ser a recusa do irremediável. Tem de tornar-se na recusa do estabelecido e do convencional. Estou-te a fazer afirmações, mas poderia fazer-te também imensas perguntas. É que eu trago, formulado em mim (está por escrever e não sei se ainda poderei fazê-lo) um livro imenso de interrogações e imensos livros de respostas.»

Neste ponto, Maria, eu vi que já estavas cansada, mas queria ainda pedir-te que me desses algumas definições, breves, esquemáticas, porque eu tinha um mandato a cumprir: — o fascismo, por exemplo, como o definirias?

«Olha, Graça, eu fui uma testemunha interveniente, durante 82 anos, num dado processo. Verifiquei que o fascismo corresponde à soma de todas as forças, de todos os erros sociais e económicos cometidos com o fim premeditado de destruir o Homem, na sua natureza e liberdade, para mais facilmente ele ser passível de exploração.»

Então perguntei-te qual a coisa que mais desejavas de momento. E tu: — «A Paz. Mas não uma Paz inerte e equívoca. Quero a Paz que corresponde a uma transformação integral de tudo quanto está errado no Homem e na sociedade. Esta, é uma Paz em permanente luta.»

E o Amor, Maria, ora define lá o Amor?

«Não é possível dar-te uma definição, Graça: o Amor é para se viver e não para se descrever. Sei que tem sido mistificado, mascarado, substituído. Mas sei também que o Amor é o motor da vida.»

Maria Lamas. Maria amiga. Companheira de luta. Mulher de pensamento em gume. De raciocínio com arestas vivas. Maria de corpo e de sangue, igual a todas as outras mulheres, como tu queres, deixa que eu te diga, como uma outra nossa grande companheira (a Maria Velho da Costa) disse de um comum amigo nosso: «Vais ter mais vinte anos de meninez e sem desgraça visível, bem amada como uma promessa. Mas o coração está-te cada vez mais grosso e forte na cara, indelével.»

Eu sei que ela não se zanga.

ALEXANDRE BABO (improvisado)

Eu suponho que esta homenagem significa de algum modo uma clarificação de toda a luta antifascista do povo português, porque Maria Lamas encarna efectivamente essa luta em todas as suas facetas.

Justamente por isso, eu queria apenas focar dois pequenos aspectos relacionados com a sua

extraordinária personalidade de combatente e a sua imensa humanidade. O Costa Ferreira já há pouco se referiu a esse aspecto.

Cansado de muitos anos de luta, talvez por aquela falta de coragem de que falou o Rogério Paulo — depois de ter vivido cerca de um ano em Londres, eu regressava a Portugal, numa situação bastante difícil, visto que na minha ausência as forças reaccionárias tinham, como sempre, preparado um ambiente bastante hostil.

Estava em Paris, de regresso a Lisboa, e suponho que foi dessa vez que conheci pessoalmente Maria Lamas.

Juntamente com ela, estive com muita gente, no Jardim do Luxemburgo, a contemplar no céu uma «estrelinha» que passava e que era o primeiro foguetão que a União Soviética lançava no espaço.

Maria Lamas compreendeu o meu estado de preocupação, de sofrimento, de abatimento, e quase não me largou durante dois dias, sendo para mim, realmente, uma irmã, uma mãe. E foi, na verdade, talvez das poucas vezes na minha vida em que a aproximação humana dum pessoa me tocou tão profundamente e me ajudou tanto.

Isto, que para mim era um pormenor, era efectivamente assim para todos os portugueses que viviam em Paris emigrados. Toda a gente que estava lá exilada — e havia muita gente nessas condições — encontrava em Maria Lamas, sempre, a irmã, a amiga, com aquele carinho, aquela compreensão humana, que são realmente apanágio só das grandes pessoas.

Mas, além deste aspecto, parece-me que há um, sumamente importante, e que eu não queria deixar de referir aqui, porque dá uma visão extraordinariamente importante, especialmente para o momento que atravessamos agora.

É que, como sabem, a emigração, o exílio, trazem em geral consequências muito graves, muito difíceis.

Em Paris, havia exilados de todas as cores políticas da oposição: havia comunistas, havia socialistas, havia velhos republicanos, liberais, havia anarquistas, havia trotskistas, esquerdistas — enfim, toda a gama de opções.

A continuidade da ausência do País, as dificuldades da própria vida lá criada aos exilados, as saudades, não só da terra mas das famílias, criavam um clima de irritabilidade que dificultava, muito mais do que é normal, a aproximação dessas pessoas. E as opções diferentes criavam grandes e profundas divisões entre os exilados.

Ora, justamente, durante os largos anos que Maria Lamas viveu em Paris exilada, todos encontraram nela a pessoa que procurava o denominador comum de todas as opções, lutando fundamentalmente para a unidade entre todos os combatentes. Se há realmente alguém que, no exílio, lutou sempre por essa aproximação, tendo a consciência nítida de que só através da unidade das forças antifascistas seria possível lutar contra o inimigo comum — esse alguém foi Maria Lamas.

Isto é a demonstração de tudo o que aqui foi dito de Maria Lamas e exprime bem a multiplicidade, o extraordinário valor, a extraordinária dimensão, da personalidade desta maravilhosa mulher portuguesa, que, como antifascista, era e continua a ser, como todos nós temos de ser, pela unidade, mas por uma unidade que nunca atraíçoe a luta do povo português.

LUIZ-FRANCISCO REBELLO

pela Sociedade Portuguesa de Autores/Improvisado

Meus amigos, depois de tudo o que acerca de Maria Lamas aqui já foi dito, sobretudo depois das palavras admiráveis da própria Maria Lamas que nos foram transmitidas pela nossa camarada Maria da Graça Varela Cid, eu tenho um pouco a impressão de que esta minha intervenção já não tem sentido. E, no entanto, não resisto a fazê-la.



Não resisto a fazê-la, porque no mais íntimo de mim, em nome de uma amizade, de uma camaradagem, de uma admiração que vêm desde a minha juventude, sinto-me impellido a dizer em voz alta o que os homens da minha geração, os homens que têm agora 50 anos, devem a Maria Lamas. É com uma emoção muito funda que eu quero evocar aqui, não só a mulher extraordinária, não só a grande escritora, não só a militante antifascista de sempre, mas, sobretudo, a amiga, a companheira que ela sempre foi para nós, como um farol e um exemplo.

As organizações que esta noite aqui se reuniram para a homenagear, todas elas lhe devem muito. A Sociedade Portuguesa de Autores, que eu represento, e a Associação Portuguesa de Escritores, a escritora que ela é; o MDM, a grande lutadora pela causa da emancipação da Mulher; o Conselho Português Para a Paz e Cooperação, pela sua dádiva à defesa da Paz; o MUTI, porque, trabalhadora intelectual que é, Maria Lamas, com o poeta José Gomes Ferreira, com o maestro Fernando Lopes-Graça, com a escritora Isabel da Nóbrega e com o economista Armando Castro, figura entre aqueles que impulsionaram e tomaram a iniciativa deste Movimento, que em pouco mais de meio ano de existência se desenvolveu e ganhou uma amplitude verdadeiramente nacional.

Por tudo isto estamos gratos a Maria Lamas e por tudo isto nos sentimos no grato dever de aqui, publicamente, lhe testemunharmos a nossa gratidão.

Mas eu queria, a estas palavras talvez um pouco formais, mas sinceramente sentidas, acrescentar, tal como já fizeram alguns dos nossos camaradas que me antecederam no uso da palavra, um testemunho pessoal. É um testemunho que data de há um quarto de século, de há vinte e cinco anos.

Há vinte e cinco anos — ou vinte e seis, para sermos mais exactos — Maria Lamas foi processada pela PIDE e julgada no Tribunal Plenário de Lisboa, pelo crime de defender a Paz.

Era eu então um jovem advogado, um jovem advogado de 25 anos, e tive a honra de ser escolhido por Maria Lamas para me ocupar da sua defesa. E se, em toda a minha vida profissional, alguma coisa houve que a justifique, é sem dúvida ter defendido Maria Lamas do crime de lutar pela causa da Paz.

Em 1950, data em que estes factos ocorreram, o mundo atravessava um transe difícil. A guerra fria estava no seu auge. Foi o momento em que se desencadeou, à escala mundial, por um lado, uma feroz, uma gigantesca campanha anticomunista, e, por outro lado, se originou um grande movimento em defesa da Paz, movimento que se polarizou em torno de um documento a que se chamou o apelo de Estocolmo. Um apelo que todos os homens de boa vontade dirigiram contra a bomba atómica e contra a ameaça duma 3.<sup>a</sup> Guerra Mundial, que então as potências imperialistas agitavam diante do mundo e em que baseavam a sua campanha monstruosamente anticomunista.

Foi por essa altura que em Portugal se constituiu o Conselho Português da Paz, tendo à sua frente pessoas como Maria Lamas, o Prof. Ruy Luís Gomes e José Morgado.

Os três foram presos, os três foram julgados — e entre os advogados que os defenderam eu não posso deixar de recordar, neste momento, a figura de um grande camarada, que a morte não deixou já ver a madrugada do 25 de Abril, e que foi Heliodoro Caldeira. Recordo com uma grande emoção a figura íntegra de Heliodoro Caldeira — e acontece que me esqueci dos outros advogados que intervieram nesse processo, ou, o que é mais triste, eles é que talvez se tenham esquecido...

Maria Lamas passou em Caxias, longos meses, presa.

Recordo-me de ali a ter visitado várias vezes e, sabendo que na sala onde nos encontrávamos as nossas palavras eram escutadas pelos ouvidos omnipresentes da PIDE, Maria Lamas nunca deixou de exprimir com a maior firmeza as suas profundas convicções, a sua crença numa sociedade livre e melhor. Mesmo prisioneira, continuava a ser a combatente infatigável de sempre. Nunca lhe ouvi uma palavra de desânimo, nunca lhe ouvi uma palavra de descrença, nunca lhe vi sequer um momento de hesitação ou de fraqueza. Pelo contrário, era ela que,

quando, por uma ou por outra razão, nos sentíamos mais desanimados, nos alentava e nos dizia que era preciso prosseguir confiantes na luta em que estávamos empenhados.

Recordo-me de, numa dessas visitas, lhe ter levado um livro de que ela era autora e que por acaso tinha encontrado na loja dum alfarrabista. Era um livro que datava de há quinze anos, visto que tinha sido editado em 1935 — um romance chamado «Para Além do Amor». Esse livro terminava por estas palavras: «E, no entanto, mesmo a debater-me nesta angústia que parece abrir uma suspensão na minha vida e torna confusas todas as minhas aspirações, eu prefiro acreditar que, pelo contrário, é uma nova manhã que se anuncia, mais luminosa e de maior esplendor». Quando levei este livro a Maria Lamas e, na sala onde os advogados podiam contactar com os seus constituintes, lhe pedi para o autografar, Maria Lamas abriu-o na última página e disse-me: «Querido amigo, é esta nova manhã que se anuncia, mais luminosa e de maior esplendor, é isto, a certeza dessa manhã, que nos deve animar na nossa luta». Mais tarde, ainda antes do julgamento, a saúde de Maria Lamas, em consequência dos tratamentos recebidos na prisão foi muito abalada e ela teve de ser hospitalizada. E mesmo no hospital, onde estava severamente guardada — porque, nessa altura, quando um preso ia para o hospital não era para preparar a fuga para o Brasil — ela continuou a ser a mesma combatente admirável, serena e firme nas suas convicções. E depois, no julgamento, como se agigantou, ela, a mulher frágil e doente, no Tribunal Plenário, perante os esbirros e os lacaios que a acusavam e perante os fantoches que envergavam togas de juizes, movidos pelos cordéis do imperialismo internacional, que queriam reduzir ao silêncio aqueles que lutavam pela Paz, aqueles que queriam com todas as suas forças impedir que sobre a humanidade viesse a desabar o horror duma 3.<sup>a</sup> Guerra Mundial.

Aí, Maria Lamas foi uma vez mais a grande combatente, a grande lutadora que aqui estamos a homenagear, e foi-o porque tinha presente no seu espírito a certeza desta nova manhã de que o seu livro falava nas suas palavras finais.

Pois bem, meus amigos, em momentos difíceis — e não há dúvida nenhuma de que o momento que nós, portugueses, estamos a viver é um desses momentos difíceis — eu creio que esta lição de Maria Lamas deve servir-nos de exemplo. Devemos ter presente em nós a certeza desta nova manhã, a certeza de que só conseguiremos chegar a ela se nos unirmos, se todas as forças antifascistas deste país realmente se unirem, e caminharem firmes em direcção a essa manhã «que se anuncia mais luminosa e de maior esplendor».

#### MARIA LAMAS (*improvisado*)

Vou falar muito pouco; nem mesmo haverá mil palavras onde caiba o que se passa em mim neste momento. Uma soma de alegria, de agradecimento, de firmeza e de confiança no futuro. E ao mesmo tempo um apelo. E nesse apelo exprimo tudo o que de melhor possam dar ao meu coração aqueles que me querem bem.

Eu desapareço, a Maria Lamas não está cá. Falei em mim, porque tenho que falar — as coisas têm um nome.

O que se passou hoje nesta casa tem um significado que vai muito além destas paredes. O que se passou hoje nesta casa tem uma força que nós ainda não podemos avaliar como se vai exprimir e até onde chegará.

Nós viemos aqui falar de Paz, viemos aqui regozijarmo-nos porque o combate contra o fascismo tinha sido vencido. Mas a luta tem de continuar — e tem de continuar com mais consciência.

Perguntaram-me — assim, de repente, nem sei se hoje — qual tinha sido a coisa mais importante que me tinha acontecido em toda a minha vida. E eu, que vivo muito sozinha, que converso muito pouco, porque não tenho interlocutores, mas vivo com o meu espírito sempre em laboração, eu vi nitidamente, no presente, e no futuro, e no passado, esta resposta: a coisa mais importante da minha vida foi a minha tomada de consciência política.

Pois essa consciência política não significa apenas, não está limitada a um programa de um partido sequer. É que esta palavra política assume proporções cada vez mais importantes, mais prometedoras e ao mesmo tempo ameaçadoras.

Devemos notar uma coisa: o mundo está em plena revolução. Pelo que nos diz respeito, desde o 25 de Abril a Revolução não parou e já tem efeitos extraordinários, que nós, na nossa preocupação diária, dos problemas constantes, das pequenas e grandes lutas, não avaliamos, e que são tão grandes, tão grandes, que já não há palavras para os exprimir; é preciso inventar palavras novas. Palavras novas que correspondam a situações novas, a novas consciências.

É isso que eu digo: esta palavra consciência pode ser muito limitada na sua grande força. É muito profunda, tem uma força enorme, mas pode ser muito limitada. É que a consciência tem de abranger o mundo, o homem em todas as situações, em todos os seus estados de espírito e de inteligência.

Portanto — eu não posso falar muito — não é por estar cansada — estou realmente emocionada, estou contente, não esperava que, nestes minutos, nestas horas que nós aqui vivemos, tanta coisa se tivesse passado no meu próprio espírito, tanta coisa se tivesse proferido, e como se reforçou a minha certeza de que nós havemos de triunfar — o apelo que eu desejava fazer-lhes, como expressão do meu agradecimento pela vossa presença, pelo vosso carinho, pela vossa compreensão — porque é curioso como eu percebi, através de meias palavras, que as pessoas me compreendem muito bem, embora eu julgue muitas vezes que não — há um momento em que somos compreendidos e isso é muito bom — então, o que eu desejaria é que nos reuníssemos num esforço permanente, constante, como sendo a razão da nossa vida — e a razão da vida é conquistar a liberdade, a razão da vida é fazer a vida e a vida não está completa — enquanto houver rigores, atrocidades, injustiças, enquanto o mundo estiver desarumado como está, a vida não está completa, a vida não desabrochou completamente ainda — portanto, eu peço que avaliem pela minha comoção a própria sinceridade do que eu estou a dizer — não tinha nada preparado, ou por outra, estou sempre preparada para dizer aquilo que penso, e aquilo que penso, bem ou mal, quando o digo é assim mesmo, é sincero — eu queria, eu gostaria, apelo para a boa vontade de todos vós, que desta reunião resulte uma união ainda maior entre todos os antifascistas. Uma decisão bem pensada, bem calculada, e persistentemente praticada, de luta contra o fascismo.

É isso será o nosso triunfo e será isso que explicará tudo o que nós possamos ter sofrido. Eu já não me lembro nada do que sofri. Sofri muito, mas já não me lembro de nada. É preciso estarmos sempre, sempre vigilantes. Não desconfiados, mas não confiantes. Não confiantes demais.

Nós devemos exigir de nós mais, mais ainda, porque temos mais para dar — a vida é infinita. A vida será o que o homem quiser da vida. É isso o que eu lhes queria dizer.

Eu aperto-os ao meu coração.

Eu sou a pessoa mais velha que está aqui nesta casa, mas não estou cansada de viver. Eu acho que só fiz uma aprendizagem da luta. Em diversos aspectos — e isto é sincero — a minha vida não tem sido senão uma aprendizagem da vida. E a vida de todos nós também.

Nós temos de considerar a nossa vida uma aprendizagem permanente. Há uns que avançam mais, que se esclarecem mais, atingem uma lucidez, mas a vida ninguém sabe ainda o papel que ela desempenha.

Há com certeza uma coisa que é uma grande força: é a unidade. É uma palavra que eu vou dizer com pudor, porque não a digo com o sentido limitado de dois seres, digo-a no sentido ilimitado da humanidade: é amor. Amor sugere carinho, sugere doçura, suavidade — mas amor sugere força. Não há força maior que a do amor.

Pois nós temos de cultivar esse amor, amor à Paz, amor à vida, amor à justiça, amor à democracia, amor a tudo aquilo que passo a passo nós formos dando, que nos vá ajudando a completarmo-nos, a descobriremos o homem que não está ainda descoberto.

E obrigada.

Eu gostaria, se fosse possível, que se organizassem encontros, discussões, dentro dum programa que se cinja às realidades do momento, aos problemas mais prementes.

Vamos sempre um bocadinho mais além, vamos sempre para além daquilo que está definido, que está desenhado, que está arquitetado e até já construído. Não está nada acabado. O que está acabado é tão pequeno, que acaba por não ter importância nenhuma.

Eu, então — obrigada. Fez-me muito bem senti-los vibrantes, senti-los capazes de entusiasmo, e dispostos a continuar esta luta, a luta contra o fascismo.

Esta palavra fascismo tem um sentido muito mais infernal, muito mais desumano do que pode parecer. Tornou-se banal demais a palavra fascismo. E o fascismo é o mal; é a essência do próprio mal da vida.

E, então, obrigada. Também me deram um estímulo; e desejo poder fazer mais ainda, até onde eu puder.

## APÊNDICE

*Texto do documento da Comissão Nacional da Paz do Movimento da Paz português, referido na intervenção da representante do CPPC, Laura Lopes*

Maria Lamas, a grande partidária da Paz que participou na última reunião do Conselho Mundial, foi presa à saída do avião em que regressava do estrangeiro. Numerosos amigos e admiradores seus tinham sido momentos antes levados para o Forte de Caxias, pelo simples facto de se encontrarem no Aeroporto.

Tais prisões representam uma perseguição aos partidários da Paz e um ultrage à consciência pacífica do nosso Povo.

Nesta hora em que todas as grandes potências reconhecem a urgência de uma resolução pacífica dos litígios internacionais, na véspera de importantes reuniões para o controle da energia atómica, para a resolução do problema alemão e para a paz na Ásia, impõe-se um esforço máximo para fazer prevalecer o espírito de negociação sobre soluções de força.

Toda a perseguição ao Movimento da Paz representa de facto um entrave à negociação geral que se impõe, e uma ajuda às forças da guerra e do ódio que ainda não desarmaram.

É indispensável que os partidários da Paz sejam encorajados e acarinhados. Neles reside o principal baluarte contra o perigo da guerra e a principal esperança de um futuro sem pesadelos. Todos os partidários da Paz devem unir-se à volta de Maria Lamas, protegendo a sua vida, a sua precária saúde que corre grave risco, impondo a sua libertação. Todos os partidários da Paz devem defender os seus amigos que se encontram detidos no Forte de Caxias.

Reclamemos por todas as formas a sua libertação imediata. Amparemos as suas famílias. Façamos chegar aos presos o nosso auxílio material e a voz da nossa solidariedade.

A Comissão Nacional da Paz



*Composto e Impresso  
na Proença, Coop. Op. de Artes Gráficas  
Telef. 86 92 49  
tiragem: 500 ex.*